

Manifestações marcam a primavera feminista pela legalização do aborto e contra o fascismo

Há mais de 25 anos manifestantes da América Latina e Caribe ocupam as ruas e, mais recentemente, as redes sociais, em 28 de setembro, Dia de Luta Pela Descriminalização do Aborto. A data foi deliberada a partir da sugestão de um grupo de feministas durante o 5º Encontro Feminista Latino-americano (Eflac) em 1990, na Argentina. Em meio ao processo eleitoral brasileiro marcado pelo protagonismo feminino na resistência aos retrocessos, neste ano a Frente Nacional pela Legalização do Aborto une-se ao movimento Mulheres Contra Bolsonaro e lança a [Virada Feminista Antifascista pela Legalização do Aborto](#). Atos em defesa da legalização do aborto e contra o candidato à presidência do país, acontecem em várias cidades, respectivamente nos dias 28 e 29.

(Portal Catarinas, 26/09/2018 - acesse no site de origem)

[Acompanhe a programação em Florianópolis.](#)

“A gente decidiu em não se dividir e manter o dia 28 como ação forte nos estados, e ao mesmo tempo fazer chamada para o 29, reforçando que essa visão fascista tem consequências na saúde e corpos das mulheres. Nos aliamos totalmente e mudamos o nome da virada. Mantemos o 28 enquanto marco histórico do movimento latino-americano e caribenho e, ao mesmo tempo, mobilizamos a sociedade e, especialmente as mulheres, a partir da frente que integra uma diversidade de movimentos. Vamos mostrar a nossa força e que a vida de todas as mulheres importa”, explica Paula Viana, do Grupo Curumim que integra a Frente Nacional.

Há dois anos, a [Virada Feminista On-line](#) promove no 28 de setembro, 24 horas de debates de formação ao vivo nas redes sociais sobre a legalização do aborto. Nesta edição não haverá transmissão em tempo real. A programação que começa às 8h da próxima sexta-feira (28) e segue até às 8h de sábado vai reunir vídeos de participações on-line dos últimos anos, como o

de Marielle Franco, vereadora assassinada no Rio de Janeiro, que propôs projetos para garantia do acesso ao aborto nos casos permitidos em lei.

As 24 horas de transmissão vão trazer também falas da audiência pública que discutiu a descriminalização do aborto no Supremo Tribunal Federal (STF) em agosto, e da audiência no Senado Federal que tratou da Sugestão Legislativa (SUG) 15 pela regulamentação do procedimento no SUS, em 2015. A exemplo do evento que mobilizou mulheres em apoio à audiência pública no STF, o Festival pela Vida das Mulheres, com shows culturais e discussões, acontece em capitais como Recife e João Pessoa. Toda a programação da virada, festivais e atos pode ser acompanhada na [página da Frente](#).

De acordo com uma pesquisa da OMS (Organização Mundial de Saúde), lançada em setembro de 2017, 6,4 milhões de abortos foram realizados na América Latina no período entre 2010 e 2014 – 76,4% de forma insegura. O movimento pela descriminalização e legalização lembra que nesses países concentram-se as legislações mais restritivas do mundo sobre a prática, e por isso maior incidência de procedimentos clandestinos. Em El Salvador, Honduras, Haiti, Nicarágua, República Dominicana e Suriname, o procedimento é totalmente proibido, até mesmo quando a gravidez representa um risco à vida da mulher.

No Brasil, mulheres são criminalizadas pela prática do autoaborto quando buscam atendimento médico emergencial após realizarem o procedimento, como apurou Catarinas na série [“Do pronto-socorro ao sistema penal”](#). Um levantamento feito pelo portal em 18 estados identificou mais de 330 processos pelo crime em 2017. Recentemente tramitou na Câmara Federal o projeto de lei conhecido como Estatuto do Nascituro, que propõe dar status de pessoa ao feto. “Sucessivas medidas que representam ameaças aos nossos direitos vêm sendo tomadas tanto no executivo quanto no legislativo. Os fundamentalistas continuam a utilizar nossos corpos, nossas especificidades na saúde reprodutiva como moeda de troca, com o discurso pela vida que na realidade é contra a vida das mulheres”, afirma Viana.

[Contribua com a cobertura colaborativa dos atos.](#)

[Acesse o manual de orientações jurídicas e de segurança.](#)

Primavera Feminista

Em outubro de 2015 o levante das brasileiras para barrar o Projeto de Lei 5069/2013, do então presidente da Câmara, Eduardo Cunha (hoje preso por corrupção), que buscava restringir o direito ao aborto previsto em lei, ficou conhecido como Primavera Feminista. “Não é exagero afirmar que o enfrentamento que as mulheres fizeram à figura de Eduardo Cunha nas ruas das grandes cidades foi o mais contundente que um deputado jamais experimentou”, explicam Maíra Kubik Mano e Márcia Santos Macedo, autoras de um dos artigos do livro “O golpe na perspectiva de gênero”, editado neste ano pela Edufba.

Leia também [As mulheres na vanguarda da resistência ao retrocesso](#)

Desde então, o movimento feminista se ampliou para além das universidades e organizações formais, ganhando adeptas ainda mais jovens. Nesta primavera o despertar das mulheres nas redes e nas ruas também tem na figura de um político (Jair Bolsonaro) seu maior alvo. “O que tem de novo é essa força que tem crescido nas ruas e redes contra esse símbolo, essa proposta fascista que tem se avolumado socialmente. É um movimento antifascista e mais radical pela democracia”, diz a entrevistada.

O movimento #EleNão em repúdio ao candidato à presidência, o ex-deputado Jair Bolsonaro, cresceu a medida que as posições dele e do seu vice, o general da reserva Antonio Hamilton Mourão (PRTB), foram reforçadas durante a campanha eleitoral. Conhecido pelo desprezo a grupos sociais não representados de forma democrática no parlamento, o cabeça de chapa da coligação “Brasil acima de tudo, Deus acima de todos” tem se posicionado contra os direitos das mulheres, de populações negras e indígenas e comunidade LGBT, além de defender o porte livre de armas e o retorno à ditadura militar. O grupo “Mulheres Unidas contra Bolsonaro” no Facebook, iniciado há menos de um mês, já conta com mais de três milhões de integrantes.

O grupo sofreu uma tentativa de silenciamento por defensores do candidato, depois de rackeado chegou a ser derrubado nas redes durante algumas

ocasiões, mas foi restabelecido. Na noite da última segunda-feira (24), uma administradora do grupo foi agredida na Ilha do Governador (RJ) por três homens armados que estavam em um táxi perto da casa dela. Ela segue “com muitas dores, emocionalmente abalada, está amparada por amigos pessoais e de campanha”, conforme relato de uma amiga. A vítima é dirigente do Bloco Unidos da Ribeira e coordenadora de campanha do candidato a deputado estadual Sergio Ricardo do PSOL.

O avanço do pensamento fascista, representado na liderança do candidato à presidência, une mulheres das mais diferentes idades e frentes políticas, incluindo brasileiras que vivem em outros países. “A misoginia está explícita. Esse termo (misoginia), que muitas vezes estava restrito a espaços acadêmicos ou movimentos feministas, hoje está tomando sentido dentro da sociedade, as mulheres estão se tocando que não é possível perder direitos, não vamos voltar para a situação que nossas mães passaram. As manifestações misóginas causam muita comoção na comunidade feminista e a gente está acordando pra isso”, afirma a representante do Curumim.

Conforme Clara Araújo, professora e pesquisadora do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), a mobilização segue uma tendência mundial de mulheres que dizem “basta, somos protagonistas, representamos a metade da população em todos os processos, vamos à luta”. “É uma resposta muito inovadora que essa organização traz. Esse grupo reflete a rejeição, a vontade que as pessoas têm que esse candidato não seja eleito porque tem posições muito complicadas, na contramão das questões básicas de direitos de igualdade de gênero e da agenda das mulheres. A adesão nas redes também está se transformando num movimento de rua. A presença, a participação pública também são importantes”, analisa Araújo.

Por [Portal Catarinas](#)

Virada Feminista: ativistas discutem na web descriminalização do aborto

O evento conta com 24 horas transmissões ao vivo no Facebook de especialistas em abortamento, como médicas, ativistas, psicólogas e antropólogas

[\(Correio Braziliense, 27/09/2017 - acesse neste link\)](#)

Durante as 24 horas desta quarta-feira (27/9), ativistas e organizações feministas se mobilizaram nas redes sociais para debater a questão do aborto no país. A 2ª edição da Virada Feminista Online traz 48 especialistas em transmissões ao vivo sobre o tema na página oficial do evento no Facebook. Como parte do 28 de setembro - Dia de Luta pela Descriminalização e Legalização do Aborto na América Latina e Caribe, a ação visa discutir a relação do aborto com direitos das mulheres, saúde pública e racismo.

As transmissões começaram no fim da noite de terça-feira (26/9) e se estendem por toda esta quarta. Cada participante convidado tem 30 minutos de fala, e pode interagir com os internautas que tiverem alguma dúvida sobre o tema abordado.

Para Jéssica Ipólito, blogueira feminista e uma das organizadoras da Virada Online, usar as redes sociais para falar de um tema como o aborto tem potencial também de informar e engajar diferentes públicos para a causa. “Utilizar novas ferramentas tecnológicas, como as transmissões ao vivo através do Facebook, é uma forma de mobilizar um público da internet e engaja-lo em uma pauta de extrema importância para todas nós”, afirma.

Ameça aos direitos

De acordo com as participantes do evento, além de tirar dúvidas e aproximar os jovens sobre as questões do abortamento, um dos pontos de reivindicação da Virada é contestar “a onda conservadora” entre os parlamentares do

Congresso Nacional. Propostas de Emenda Constitucional (PECs), como as 29 e 181, ambas de 2015, ameaçam os direitos reprodutivos das mulheres e têm ganhado força na Casa.

“Além de propor projetos que explicitamente restringem os direitos das mulheres em relação ao aborto, essa força conservadora dentro do Congresso criou uma estratégia para inserir retrocessos em proposições que não estão diretamente relacionadas com direitos reprodutivos, como é o caso da PEC 181”, critica Paula Viana, secretária Executiva Colegiada do Grupo Curumim, de Pernambuco.

Originalmente proposta para ampliar o período da licença maternidade de mães de bebês prematuros, a PEC 181 introduz o termo “desde a concepção” nos artigos 1º e 5º na Constituição. Caso a mudança seja aprovada, ela pode restringir completamente o direito ao aborto em qualquer situação.

No Brasil, o aborto é permitido somente em casos de anencefalia do feto, ocorrências de estupro e quando a gestação representa risco à vida da mulher. Em outras situações, valem os artigos 124 e 126 do Código Penal, que configura o aborto como crime, com pena de um a três anos de prisão. Quem provoca aborto em uma gestante está sujeito a pena de um a quatro anos de prisão.

Mobilização mundial

Há algumas semanas, mais de 100 coletivos e organizações que integram a Frente Nacional pela Descriminalização e Legalização do Aborto no Brasil, lançaram o #AlertaFeminista, chamando a atenção da sociedade civil para os ataques de setores ultraconservadores ao direito à cidadania plena das mulheres.

As organizações que fazem parte deste grupo mantêm um monitoramento constante dos projetos no Congresso. “Temos feito mobilizações online com grupos de mulheres, jovens e até outros movimentos. Para nós, a Virada Feminista é uma forma de podermos ganhar mentes e corações, extrapolando o movimento feminista”, conclui Paula.

Algumas das organizações participantes da Virada são: SOS Corpo, Grupo

Curumim, Think Olga, Ativismo de Sofá, Blogueiras Feministas, Católicas pelo Direito de Decidir, Rede Feminista de Juristas, Catarinas, ANIS - instituto de bioética, Instituto Patrícia Galvão, Lady's Comics. Além das brasileiras, a 2ª edição do evento traz também participações de ativistas como Cecília Palmeiro, liderança do movimento Ni Una Menos na América Latina, Graça Samo de Moçambique, uma das diretoras do movimento internacional Marcha Mundial das Mulheres, entre outras da Argentina, Colômbia, França, Irlanda, que falarão sobre as legislações e desafios enfrentados nesses países.

“A nossa vontade é fazer crescer a Virada a ponto de articular mulheres do mundo todo, de diferentes idiomas e culturas, usando suas redes sociais para falar sobre questões que estão diretamente ligadas a direitos sexuais e reprodutivos, autonomia e liberdade das mulheres, cultura e machismo e outras”, diz Jéssica.

Viva Maria: Virada Feminista protesta contra projetos de redução de direitos

Começa hoje a virada feminista! Mulheres em movimento prometem cumprir uma extensa programação que terá seu ponto alto na próxima 5ª feira, 28 de setembro, que é o Dia pela Legalização do Aborto na América Latina e Caribe.

[\(Radioagência Nacional, 26/09/2017 - acesse no site de origem\)](#)

Paula Viana, enfermeira e membro do Grupo Curumim, no Recife, tem mais detalhes enquanto uma das coordenadoras do evento e integrante da Frente Nacional pela Legalização do Aborto. Diga lá, Paulinha!

Viva Maria: Programete que aborda assuntos ligados aos direitos das mulheres e outros aspectos da questão de gênero. É publicado de segunda a sexta-feira. Acesse [aqui](#) as edições anteriores.

Ativistas promovem 24h de transmissão ao vivo no Facebook pela descriminalização do aborto

A 2ª edição da Virada Feminista Online trará 48 especialistas de diversos países para discutir a relação do aborto com direitos das mulheres, saúde pública e racismo

VIRADA FEMINISTA ONLINE 2017
- [#PrecisamosFalarSobreAborto](#) 24h

Do que se trata?

Em 2016 aconteceu a primeira #ViradaFeministaOnline. Foram 24 horas transmitindo uma programação de falas ao vivo (*lives*) via Facebook sobre a temática do direito ao aborto. A iniciativa partiu de jovens feministas brasileiras, que contaram com a adesão do conjunto de movimentos de mulheres mobilizado em torno da data do **28 de Setembro - Dia Mundial de Luta pela Legalização do Aborto**.

Este ano a [Virada](#) pautará o clima de retrocesso que contamina as casas legislativas com propostas conservadoras. São carro-chefe deste bonde do atraso as Propostas de Emenda Constitucional (PECs) 29 e 181, ambas de 2015, que tramitam no Congresso Nacional.

O que se pretende com essas PECs?

Pretende-se alterar a Constituição para nela inserir o “direito à vida desde a concepção”. Isto significaria retirar das mulheres o direito ao aborto nos

poucos casos hoje permitidos, ou seja, na gravidez por estupro, com risco de morte para a gestante e nos casos de anencefalia fetal. O conjunto das proposições que retiram direitos das mulheres está bem resumido no [Alerta Feminista](#), documento lançado em outubro e assinado por mais de 100 organizações de mulheres de todo o país.

Muitas dessas organizações estão na programação da **2ª edição da Virada Feminista Online** que chega com o mesmo espírito: trazer para as redes sociais vozes feministas que, já no [#ForaCunha](#) e na [#PrimaveraFeminista](#), fizeram o contraponto ao discurso religioso, machista e racista que permeia o conservadorismo.

Como vai rolar a Virada

Durante as 24h de todo o dia 27 de setembro, ativistas e organizações feministas promoverão uma mobilização online para debater a questão do aborto no país. O objetivo da ação é lançar luz sobre a importância do tema e resistir às ameaças de grupos conservadores que querem restringir direitos já conquistados. O evento faz parte de uma série de ações que acontecem essa semana como parte do 28 de setembro - Dia de Luta pela Descriminalização e Legalização do Aborto na América Latina e Caribe.

As transmissões vão acontecer a partir de 23:30 do dia 26, se estenderão por todo o dia 27 de setembro e serão compartilhadas em um evento no Facebook e também na página da Frente Nacional pela Legalização do Aborto. Cada participante terá 30 min de fala, totalizando 48 participações durante todo o dia. Para Jéssica Ipólito, blogueira feminista e uma das organizadoras da Virada Online, usar as redes sociais para falar de um tema como o aborto tem potencial também de informar e engajar diferentes públicos para a causa. *“Utilizar novas ferramentas tecnológicas, como as transmissões ao vivo através do Facebook, é uma forma de mobilizar um público jovem e engaja-los em uma pauta de extrema importância para todas nós”*, afirma.

Onda de conservadorismo no Congresso ameaça direitos e a vida das mulheres

Representando o Congresso mais conservador desde a Ditadura, parlamentares têm avançado projetos para restringir aborto em qualquer

situação, inclusive em caso de estupro ou para salvar a vida da mulher. Dos cerca de 30 projetos hoje em discussão que têm esse objetivo, são carro-chefe deste bonde do atraso as Propostas de Emenda Constitucional (PECs) 29 e 181, ambas de 2015. *“Além de propor projetos que explicitamente restringem os direitos das mulheres em relação ao aborto, essa força conservadora dentro do Congresso criou uma estratégia para inserir retrocessos em proposições que não estão diretamente relacionadas com direitos reprodutivos, como é o caso da PEC 181”*, critica Paula Viana, Secretária Executiva Colegiada do Grupo Curumim, de Pernambuco. Originalmente propostas para ampliar licença maternidade das mães de bebês prematuros, a PEC 181 é conhecida como “Cavalo de Troia” por incluir um objetivo oculto em suas linhas. Ela introduz o termo “desde a concepção” nos artigos 1º e 5º na Constituição. Caso a mudança seja aprovada, ela pode restringir completamente o direito ao aborto em qualquer situação, o que significa retroceder para antes de 1940, quando a atual legislação sobre aborto foi aprovada.

Há algumas semanas, mais de 100 coletivos e organizações que integram a Frente Nacional pela Descriminalização e Legalização do Aborto no Brasil, lançaram o [#AlertaFeminista](#) chamando a atenção da sociedade civil para os ataques de setores ultraconservadores ao direito à cidadania plena das mulheres. As organizações que fazem parte deste grupo mantêm um monitoramento constante dos projetos no Congresso. *“A partir deste monitoramento, temos feito mobilizações online com grupos de mulheres, jovens e até outros movimentos. Para nós, a Virada Feminista é uma forma de podermos ganhar mentes e corações, extrapolando o movimento feminista”*, conclui Paula.

Uma mobilização mundial pelos direitos das mulheres

Algumas das organizações que participarão incluem: SOS Corpo, Grupo Curumim, Think Olga, Ativismo de Sofá, Blogueiras Feministas, Católicas pelo Direito de Decidir, Rede Feminista de Juristas, Catarinas, ANIS - Instituto de Bioética, Instituto Patrícia Galvão, Lady's Comics. Além das brasileiras, a Virada deste ano traz participações de ativistas como Cecília Palmeiro, liderança do movimento Ni Una Menos na América Latina, Graça Samo de Moçambique, uma das diretoras do movimento internacional

Marcha Mundial das Mulheres, entre outras da Argentina, Colômbia, França, Irlanda, que falarão sobre as legislações e desafios enfrentados nesses países.

“A nossa vontade é fazer crescer a Virada a ponto de articular mulheres do mundo todo, de diferentes idiomas e culturas, usando suas redes sociais para falar sobre questões que estão diretamente ligadas a direitos sexuais e reprodutivos, autonomia e liberdade das mulheres, cultura e machismo e outras”, afirma Jéssica.

Para acompanhar a Virada Feminista Online:

Horário: as transmissões começam às 23h30 do dia 26/set e vão até 23h59 do dia 27/set

Programação: a programação completa pode ser encontrada na [página do evento](#)

Para acompanhar há duas opções - acessar os perfis de cada uma das palestrantes ou acessar a página da [Frente Nacional contra a Criminalização das Mulheres pela Legalização do Aborto](#)

Informações à imprensa:

Jéssica Ipólito - jesz.ipolito@gmail.com ou 71 9127-5001 (BA)

Paula Viana (Grupo Curumim): paulaviana@grupocurumim.org.br ou 81 99962-5763 (PE)

Thais Campolina - do blog Ativismo de Sofá - thais_campolina@yahoo.com.br ou 37 99133-3061 (MG)

2ª Virada Feminista Online: ONG Católicas fala sobre Estado laico

e aborto às 19h de 27/09/2017

As redes e as ruas serão ocupadas no mês em que se comemora o **Dia de Luta pela Descriminalização do Aborto na América Latina e no Caribe (28 de setembro)**! A data é um marco de extrema importância nas discussões e lutas políticas sobre os direitos sexuais e direitos reprodutivos das mulheres latino-americanas e caribenhas.

Leia mais: [Nota de prensa: Campaña Internacional por el Derecho de las Mujeres al Aborto Seguro \(em espanhol\)](#)



UMA CONVERSA SOBRE
ESTADO LAICO E ABORTO

**Ao vivo, dia 27/09, às 19h
no Facebook de CDD**

FB.COM/CATOLICASDIREITODECIDIR

#PrecisamosFalarSobreAborto24h

Católicas
pelo Direito de Decidir

The poster features a purple banner at the top with the title in white. Below it is a circular logo with three arrows forming a circle and the text 'VIRADA FEMINISTA ONLINE'. To the right of the logo is the event information in bold black text. Below that is a pink banner with the Facebook link in white. At the bottom left is the hashtag, and at the bottom right is the logo for 'Católicas pelo Direito de Decidir'.

Para provocar o debate sobre a legalização do aborto e a importância do

Estado Laico, Católicas pelo Direito de Decidir (CDD) integrará a extensa programação da Virada Feminista Online, iniciativa que visa ocupar os espaços virtuais a fim de promover reflexões sobre direitos sexuais e reprodutivos das mulheres, gênero, sexualidade, entre outras questões.

No dia 27 de setembro (quarta-feira), às 19h, haverá transmissão ao vivo com Gisele Pereira, integrante da coordenação de CDD, diretamente no Facebook da organização (www.facebook.com/catolicasdireitodecidir). Será um momento onde as internautas poderão enviar suas perguntas, dúvidas e comentários sobre laicidade do Estado e aborto. Saiba mais em nosso [site](#).

Participe enviando suas dúvidas e comentários. Chame todo mundo e compartilhe a hashtag **#PrecisamosFalarSobreAborto24H** nas redes sociais!

Católicas pelo Direito de Decidir

Assessoria de Imprensa

comunicacao@catolicas.org.br

(11) 3541-3476

Virada Feminista: A Resistência que Transforma - São Paulo/SP, 03 e 04/09/2016

A Virada Feminista é organizada a partir da Marcha Mundial das Mulheres e da SOF Sempre Viva Organização Feminista, que participa do programa Cultura Viva e é um ponto de cultura da cidade de São Paulo.

[\(SOF, 01/09/2016 - acesse no site de origem para mais informações\)](#)

O QUE É A VIRADA FEMINISTA?

A Virada Feminista é um esforço coletivo de mulheres militantes, artistas e artistas militantes para promover 24h de cultura feminista na cidade de São Paulo! Inspirada na resistência cotidiana das mulheres, a Virada contará com atividades de dança, cinema, teatro, literatura, internet livre, fotografia, zine, agroecologia, grafite e culinária das 18h às 18h nos dias 3 e 4 de setembro!

POR QUE UMA VIRADA FEMINISTA?

Enquanto o machismo tenta transformar os corpos femininos em objetos, as distâncias - geografias e sociais - produzidas nas cidades aprofundam as desigualdades entre mulheres e homens, brancas e negras, pobres e ricos. Submetidas a uma intensa jornada de trabalho e responsáveis por todo o cuidado com a casa e a família, as mulheres são excluídas de vivenciar e transformar a cidade.

No mundo em que vivemos, estar no espaço público pode significar, para as mulheres, possibilidades de serem deslegitimadas, desrespeitadas, assediadas e violentadas. Ao mesmo tempo, ocupar este espaço é uma das mais fortes demonstrações de resistência. Nas ruas, praças, palcos e palanques, as mulheres, inconformadas e persistentes, revelam-se protagonistas da transformação de suas próprias vidas e do mundo.

**Virada Feminista cria
financiamento coletivo para
promover 24 horas de música,
dança e resistência feminina -**

São Paulo/SP, 3 e 4/09/2016

(HuffPost Brasil, 13/07/2016) Imagine 24 horas de shows, peças de teatro, dança, grafite, culinária, debates e oficinas culturais que promovam a cultura feminista, levando informação e entretenimento ao mesmo tempo?

A segunda edição da Virada Feminista vai trazer toda esta programação especial, mas precisa de auxílio financeiro para ser realizada. A meta é conseguir R\$ 25 mil.

Para isso, a [Fuzarca Feminista](#), núcleo jovem da Marcha Mundial de Mulheres de São Paulo, e a [SOF SempreViva Organização Feminista](#), que estão organizando a Virada, lançaram uma [campanha de financiamento coletivo no Catarse](#). A arrecadação vai até o dia 16 de agosto.

As 24 horas de cultura feminista em São Paulo já têm tema, data e local idealizados: Nomeada *A Resistência que Transforma*, a segunda edição da Virada está programada para os dias 3 e 4 de setembro, no Centro Cultural da Juventude, na Zona Norte da capital.

A Virada Feminista pretende reunir mulheres artistas, militantes, estudantes, jovens e interessadas em cultura para fortalecer o feminismo como uma forma de resistência cultural e como um projeto coletivo de transformação social.

No [evento do Facebook](#), que já tem mais de 4 mil pessoas interessadas, as mulheres descrevem a importância de uma Virada Feminista dentro do contexto socioeconômico e político que vivemos:

“A temática do evento aborda o corpo e a cidade como territórios onde essa resistência se concretiza através da luta feminista. No mundo em que vivemos, estar no espaço público pode significar, para as mulheres, possibilidades de serem deslegitimadas, desrespeitadas, assediadas e violentadas. Ao mesmo tempo, ocupar este espaço é uma das mais fortes demonstrações de resistência. Nas ruas, praças, palcos e palanques, as mulheres, inconformadas e persistentes, revelam-se protagonistas da

transformação de suas próprias vidas e do mundo.”

Em 2015, o evento teve uma programação recheada de pessoas incríveis como as rappers Yzalú e Luana Hansen, além das cantoras de MPB Nô Stopa e Joana Duah e bandas como Útero Punk e Bloody Mary Una Chica Band.

Além disso, o coletivo “Mulheres da Economia Solidária” realizou oficina de turbantes e, durante a madrugada, outras organizações fizeram oficinas de skate e danças brasileiras.

A Marcha Mundial das Mulheres

A Marcha Mundial das Mulheres nasceu no ano 2000 como uma grande mobilização que reuniu mulheres do mundo todo em uma campanha contra a pobreza e a violência.

A MMM luta cotidianamente para que as mulheres sejam sujeitos ativos na luta pela transformação de suas vidas e na superação das desigualdades.

O movimento está presente em mais de 50 países e em 20 estados brasileiros, com a presença de mulheres urbanas e rurais, trabalhadoras, sindicalistas, estudantes, negras, indígenas, imigrantes, lésbicas e bissexuais.

SERVIÇO

Virada Feminista - A Resistência que Transforma

3 e 4 de setembro (das 17h de sábado às 17h de domingo)

Gratuito e aberto a todos os públicos

Centro Cultural da Juventude - Av. Dep. Emílio Carlos, 3641, VI Nova Cachoeirinha, São Paulo

Acesse no site de origem: [Virada Feminista cria financiamento coletivo para promover 24 horas de música, dança e resistência feminina - São Paulo/SP, 3 e 4/09/2016 \(HuffPost Brasil, 13/07/2016\)](#)